

Eixo Temático ET-14-004 - Outros

## **COLETIVO ESTAÇÃO (SOUSA-PB): APLICAÇÃO DE TECNOLOGIAS SOCIAIS PARA MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA DA POPULAÇÃO DO SEMIÁRIDO PARAIBANO - ACESSO À FORMAÇÃO E CULTURA AMBIENTAL**

Lívia Feijó Portela<sup>1</sup>; Antônio Ferreira de Souza Neto<sup>2</sup>; Francisca Cibele de Brito Lira<sup>3</sup>; Flávia Lamonielle Vicente Gomes<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da Universidade Federal da Paraíba; <sup>2</sup>Graduando em Ciências Socioambientais na Universidade Federal de Minas Gerais; <sup>3</sup>Graduanda em Serviço Social na Universidade Federal de Campina Grande; <sup>4</sup>Graduanda em Serviço Social na Universidade Federal de Campina Grande.

### **RESUMO**

No contexto social dos dias atuais, é cada vez mais comum o desenvolvimento de trabalhos voltados para princípios da economia solidária e a criação de tecnologias sociais. O presente estudo se propõe a apresentar o grupo Coletivo Estação e as ferramentas que vêm desenvolvendo no semiárido paraibano, mais especificamente na cidade de Sousa-PB. Trazendo também uma breve análise da região e do que vem sendo entendido por tecnologias sociais focadas no desenvolvimento local e formação de cultura ambiental, perspectiva que tem ganhado espaço na sociedade contemporânea, de grande valia para o empoderamento social e a formação cidadã, tão importantes na sociedade democrática que o Brasil objetiva concretizar. Por meio da metodologia de pesquisa da observação participante o trabalho pode apreciar a realidade do grupo em estudo e concluir sobre sua importância social no meio em que se insere.

**Palavras-chave:** Economia Criativa e Solidária, Desenvolvimento local, Formação cidadã.

### **1 INTRODUÇÃO**

Estruturas sociais diferenciadas baseadas em experiências com a economia criativa e solidária são atualmente um montante importantíssimo na democracia brasileira. Cada vez mais, grupos organizados vêm ganhando espaço na sociedade e têm demonstrado um importante aspecto de democratização do acesso aos direitos fundamentais do cidadão.

Este trabalho tem por objetivo apresentar o grupo Coletivo Estação e as ferramentas que vêm desenvolvendo no semiárido paraibano, mais especificamente na cidade de Sousa-PB. Tal grupo é uma organização cultural sem fins lucrativos que tem por objetivo formar cidadãos com cultura ambiental, produzir as diversas formas de arte, promovendo a integração entre as manifestações artísticas independentes, desenvolvendo a troca de informações entre os cenários culturais, por meio de experimentações artísticas. Suas ações estão baseadas na lógica do colaborativismo. Desenvolvendo ações culturais e socioambientais pautadas nos princípios da Economia Criativa e Solidária, atuando no campo da cultura independente e livre com vistas ao desenvolvimento local.

A região em que o trabalho do coletivo é realizado necessita de maior atenção principalmente em relação aos problemas socioambientais que ali existem, em virtude da notória ausência de sensibilidade da população para com as características do meio em que vivem.

A metodologia de estudo adotada é do tipo qualitativa, utilizando de pressupostos teóricos da pesquisa fenomenológica e observação participante. Por meio deste método o trabalho pode apreciar a realidade do grupo em estudo e concluir sobre sua importância social no meio em que se insere (GIL, 2008, p. 175).

## **2 TECNOLOGIAS SOCIAIS COMO INCENTIVO À FORMAÇÃO E CULTURA AMBIENTAL**

Atualmente, estruturas sociais diferenciadas baseadas em experiências com economia solidária vêm ganhando cada vez mais espaço na sociedade brasileira e têm se mostrado um importante aspecto de democratização do acesso aos direitos fundamentais do cidadão. Elas “constituíram não uma frente pré-política, mas uma ação de fronteira, geradora de embriões de novas formas de produção e estimuladora de alternativas de vida econômica e social” (RODRIGUES, 2007, p. 1079).

O modo de vida baseado na troca coletiva, na solidariedade se faz de grande valia para agregar valor às relações interpessoais que se estabelecem com mais força em grupos que se utilizam de tecnologias sociais para organização e sustentabilidade.

O Instituto de Tecnologia Social (ITS), OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) fundada em 2001, tem como missão promover a geração, o desenvolvimento e o aproveitamento de tecnologias voltadas para o interesse social e reunir as condições de mobilização do conhecimento, com o intuito de atender as demandas da população. Trabalha pela ampliação do acesso ao sistema nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) e para afirmar o papel das organizações da sociedade civil como produtoras de conhecimento. Articulando essas instituições em torno de uma cultura da Ciência, Tecnologia e Inovação comprometida com o fortalecimento da cidadania e a inclusão social, propõe como definição para tecnologia social: “um conjunto de técnicas, metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para a inclusão social e melhoria das condições de vida” (ITS, 2004).

A Tecnologia Social (TS) tem como princípio claro a valorização da aprendizagem e participação como processos que caminham juntos, pois a transformação social requer a compreensão da realidade de maneira sistêmica e o respeito às identidades locais. Nesse sentido, caso bem aplicadas, são capazes de promover formação cidadã e cultura ambiental, visto que ambientes de troca constante se mostram bastante favoráveis para o engajamento social que a democracia participativa tanto almeja (GALINDO, 2003).

Atualmente, há uma multiplicidade de iniciativas no país, implementadas principalmente por organizações não governamentais e por governos municipais, mas também pelo governo federal. Ocorre uma “emergência de redes multicêntricas e difusas” (SILVEIRA, 2010, p. 54), formadas por pessoas envolvidas nas experiências e conexões entre diferentes locais através de diversas institucionalidades, que se tornam espaços de interlocução (por exemplo, fóruns) (KRONEMBERGER, 2011, p. 26).

Outro importante instrumento na busca por fortalecimento de cidadania e cultura ambiental é o Capital Social, que pode ser denominado como a capacidade de estruturação comum, com objetivo de, através do estabelecimento de laços de confiança interpessoal consolidar redes e normas, capazes de facilitar a coordenação e cooperação para benefício mútuos baseada nos princípios da solidariedade e eficiência social coletiva (DURSTON, 2000). Capital social é, portanto, a “capacidade de uma sociedade estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos” (ARAÚJO, 2003, p.10).

No seio dessa teoria advém outro conceito, o de Economia Solidária, estabelecido como uma economia diferenciada que estrutura-se por empreendimentos produtivos de iniciativa coletiva, onde a participação democrática é aspecto essencial e a remuneração visa a sustentabilidade local prioritariamente. O formato das iniciativas que se configuram nesse modelo é diverso, se baseando principalmente na natureza cooperativista e associativista, oriundas da sociedade civil e dos meios populares. (FRANÇA FILHO, 2008).

Dessa forma, o que se pretende apresentar nesse trabalho é a ideia de que a educação deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção da história. E aqui devemos ser todos sujeitos, solidários nesta tarefa conjunta, único caminho para a construção de uma sociedade na qual não existirão mais exploradores e explorados, dominantes doando sua palavra opressora a dominados (SEVERINO *in* FREIRE, 1989).

Diante do exposto, depreende-se que por meio de tecnologias sociais e do capital social, em modelos desenvolvidos com o intuito de formar cidadãos detentores de cultura ambiental, é possível concretizar um alcance eficaz, que deve ser valorizado e priorizado por seu evidente potencial de empoderamento social e por se mostrar propulsor do desenvolvimento local.

### **3 O TRABALHO DO COLETIVO ESTAÇÃO NA CIDADE DE SOUSA-PB**

Anteriormente à análise do trabalho do Coletivo Estação na cidade de Sousa-PB, faz-se necessário uma pequena caracterização do município e da região onde o projeto foi desenvolvido. O universo da abordagem do presente trabalho é o bairro de Jardim Sant’ana, em Sousa, na Paraíba, um bairro periférico onde a infraestrutura urbana é bastante insuficiente, não havendo praças, hospitais, postos de saúde, escolas públicas, etc. A cidade está localizada no alto sertão do estado, ocupa uma área de 842,275 km<sup>2</sup>, sendo o terceiro maior município do estado em extensão territorial, possui clima semiárido e 66.457 habitantes, sendo a sexta cidade mais populosa do estado, o primeiro de sua microrregião e o segundo de sua mesorregião.

O bioma característico do semiárido é a Caatinga, um dos mais sensíveis à interferência humana e às mudanças climáticas globais, sendo também um dos menos protegidos (AB’SÁBER, 2003). A região semiárida brasileira é a mais homogênea do ponto de vista fisiográfico, ecológico e social. Trata-se da maior área de domínio de clima semiárido do mundo, em termos de extensão e de densidade demográfica. Dessa forma, a região se apresenta como de grande importância por carecer de maior atenção em relação aos problemas socioambientais ali enfrentados e a notória ausência de sensibilidade para tratar com as características do bioma e conviver em harmonia.

O Coletivo Estação é uma organização cultural sem fins lucrativos, criada em julho de 2011. Tem como objetivo formar cidadãos com cultura ambiental, produzir arte, promover a integração entre as manifestações artísticas independentes, desenvolvendo a troca de informações entre os cenários culturais, por meio de

experimentações artísticas na cidade de Sousa – Paraíba e realizando ações de formação de público nas áreas cênicas, audiovisual e novas mídias, música, literatura e meio ambiente.

Por estar situado em uma cidade polo da mesorregião do alto sertão paraibano, está entre os principais grupos a estabelecer mecanismos de conexão e teias, visando construir parcerias para a criação, adaptação, escoamento e troca de tecnologias sociais focadas no semiárido, sendo reconhecido não só por outros grupos, empresas, organizações públicas e privadas da Paraíba além de por outros estados brasileiros como um dos principais pontos de conexão para troca de tecnologias para/com o sertão paraibano. Atua no campo da cultura independente e livre com vistas ao desenvolvimento local.

[...] É importante discutir as questões ambientais como práticas culturais e sociais, visto que são cada vez mais discutidas em nossa sociedade através de processos comunicacionais que alicerçam estas discussões fazendo com a busca pela sensibilização ambiental faça cada vez mais parte de nosso cotidiano (KAUFFMAN, 2009, p. 02).

Assim, o grupo busca com suas atividades abrir espaço à discussão acerca de problemas socioambientais que ocorrem no semiárido paraibano. Isso por entender que é necessário buscar uma maior sensibilização, incentivar a reflexão sobre as questões ambientais a partir dos diversos sistemas sociais e culturais, em virtude da complexidade do tema e das várias dimensões envolvidas (econômica, política, social, cultural, ética, etc.) (KAUFFMAN, 2009).

A sede do coletivo, denominada Casa Estação, um dos projetos desenvolvidos pelo grupo, se consolida como um espaço permanente de formação, em que constantemente ocorrem atividades formativas nos mais diversos campos do conhecimento humano, dialogando com áreas múltiplas. Seu foco principal é a convivência com o semiárido, visando fomentar um modo de vida mais sustentável, promovendo melhoria na qualidade de vida dos habitantes da região e principalmente do bairro em que está localizada.

Com a relevância do trabalho que vem sendo executado, diversos grupos e projetos surgiram e se consolidaram a partir do domínio e utilização das tecnologias sociais, são exemplos o ‘Movimento Por Gentileza’ - que espalha pela cidade as palavras do Profeta Gentileza se utilizando de materiais reutilizados e reciclados; o ‘Conjunto Família CFD’ - grupo de rappers (mc’s) oriundo do bairro conjunto Frei Damião (uma comunidade carente da cidade); além do projeto ‘Nós no Ponto’, que é planejado e executado de forma colaborativa por pessoas integrantes do Coletivo Estação. Este projeto promove oficinas, cine-debate, brincadeiras e discussões visando à conscientização socioambiental e formação cidadã abordando temas transversais de forma lúdica e atrativa, buscando aprimorar a interação homem - meio ambiente, enfatizando o contexto social em que estão inseridos e buscando levantar soluções para questões locais. Esse projeto pauta-se como meio educativo não formal e está em contínua proposta dentro do calendário anual do Coletivo Estação.

A tecnologia social muda pessoas, cria novas organizações, novas redes capazes de ecoar mesmo após o encerramento de sua aplicação. Funciona como o sistema da polinização das flores, onde ocorrem misturas e com isso novas cores, novos sabores, novos cheiros, a partir de sua aplicação no território, é possível observar a existência de novas pessoas, nova sociedade, novos grupos, nova cidade, novo país,

onde cidadãos mais organizados passando a enxergar sob uma nova perspectiva priorizam a valorização e o melhoramento do coletivo em detrimento do individual.

A Internet, as redes culturais, a cultura colaborativa e a possibilidade de acesso ao conhecimento e exercício da expressão são elementos que não podem faltar ao cardápio educacional do país. As escolas precisam abrir suas portas para comunidades, deixando de ser prisões para transformar-se em equipamentos culturais, com projeções de filmes independentes, que abordem a complexidade humana, além dos mitos fabricados em Hollywood, peças de teatro e exposições, com programação das próprias comunidades e de outras, a partir de um sistema artesanal, simples e desburocratizado (quase tribal) de trocas e circulação de cultura. Enfim, precisa deixar de ser escola para se tornar ponto de cultura (BRANT, 2010, p. 01).

A ótica trabalhada entende que o conhecimento precisa ser construído a partir do indivíduo e da comunidade para o mundo. Tal ideia se consolida como um verdadeiro dirigismo cultural a ser superado. Cada bairro, distrito, município, necessita entender e por em prática sua capacidade de zelo pela formação de suas crianças. A sociedade precisa se envolver com o processo de formação de seus indivíduos. A educação precisa ser uma responsabilidade de todos. E só será a partir do reconhecimento de sua dimensão cultural.

#### **4 CONCLUSÃO**

Diante da abordagem exposta, é possível entender a formação cidadã e a disseminação de uma cultura ambiental como aspectos de suma importância na sociedade atual. A priorização do desenvolvimento local se faz um dos grandes desafios contemporâneos. Pois só a partir de entender o 'glocal' e passar a praticá-lo será possível conviver em harmonia socioambiental.

Possibilitar espaços onde a construção de uma cultura ambiental é fomentada se faz de importância ímpar para que seja possível caminhar a passos mais largos em direção ao novo modelo de sociedade sustentável que precisa ser atingido com urgência. As tecnologias sociais são atualmente ferramentas de grande relevância nesse avanço. Se bem aplicadas, se fazem muito efetivas no território em que se insere.

O link entre Educação não formal e a Educação Ambiental é um indicador positivo que merece ser discutido e trabalhado amplamente nos meios socioeducacionais e cabe a aos pesquisadores e profissionais da educação assumir esse desafio e buscar aprimoramento das metodologias já trabalhadas, bem como procurar novas formas de abordagem.

A iniciativa aqui analisada pode ser replicada em outros locais. No contexto em que a sociedade atual se coloca valorizar a formação cidadã se faz muito necessário. Não há como pensar sociedades sustentáveis se não buscar por constante formação crítica em todos os níveis (etários ou sociais). Desse modo, espera-se que o presente trabalho tenha conseguido levantar questões acerca da importância que o fomento à Cultura Ambiental e de como a educação possui um papel de grande importância nesse processo.

## 5 REFERÊNCIAS

- COLETIVO ESTAÇÃO. Disponível em: <<http://coletivoestacao.wordpress.com/>>.
- AB'SÁBER, A. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ARAÚJO, M. C. D. **Capital Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BARBOSA, J. E. L.; SILVA, M. M. P.; FERNANDES, M. Educação Ambiental e o desenvolvimento sustentável no semiárido. In: ABÍLIO, F. J. P (Org.). **Educação Ambiental para o semiárido**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.
- BRANT, L. **Cultura e educação**. 2010. Disponível em: <<http://www.culturaemercado.com.br/pontos-de-vista/cultura-e-educacao-2/>> Acesso em: mar 2014.
- DURSTON, J. **Qué es el capital social comunitário?** Chile: Cepal, 2000. (Série Políticas Sociales; 38).
- FRANÇA FILHO, G. C. A via sustentável-solidária no Desenvolvimento Local. **Revista Organizações de Sociedade**, v. 45, n. 15, 2008.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.
- GALINDO, W. C. M. **Intervenção rural e autonomia: a experiência da articulação no semiárido/ASA em Pernambuco**. Recife: UFRPE, 2003. (Dissertação de Mestrado).
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mapa de Biomas do Brasil, primeira aproximação**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas da população para 1º de julho de 2008**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.
- INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL (ITS). Reflexões sobre a construção do conceito de tecnologia social. In: DE PAULO, A. et al. **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.
- KAUFFMAN, C. Estudos culturais, mídia e meio ambiente: Tecendo saberes para uma cultura ambiental. Quinto Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 2009.
- KRONEMBERGER, D. **Desenvolvimento local sustentável: uma abordagem prática**. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- RODRIGUES, I.; BABIERI, J. C. A emergência da tecnologia social: revisitando o movimento da tecnologia apropriada como estratégia de desenvolvimento sustentável. *Revista de Administração Pública*, 2007.